



06

tríade
comunicação, cultura e mídia

artigos

A heteronormatividade na mídia esportiva: a virilidade no discurso do programa Jogo Aberto

Luiz Fernando Rodrigues Lemes

Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-graduação em Comunicação, Goiás, Goiânia, Brasil. Contato com o autor: luizfernando.bvg@gmail.com

Ana Carolina Rocha Pessoa Temer

Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-graduação de Pós-Graduação em Comunicação, Goiás, Goiânia, Brasil. Contato com a autora: anacarolina.temer@gmail.com

* Texto apresentado no XIV Seminário Internacional da Comunicação, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) – GT Estudos em Televisão.

Resumo: Este artigo pretende compreender como o discurso do programa Jogo Aberto, da Rede Bandeirantes, abordou e debateu situações relacionadas a atitudes homoafetivas entre atletas de Palmeiras e Corinthians em 2013, ano que antecedeu a Copa do Mundo e em que o debate sobre temas relacionados ao futebol estava em evidência. Para isso, foi utilizada a análise de discurso crítica com base em dispositivos analíticos apresentados por Dijk (2015), o que permitiu identificar construções narrativas do programa. Identificou-se que a mídia esportiva também pode ser responsável pela propagação de preconceitos e gestos hostis contra homossexuais, além do uso de dispositivos analíticos de ressalvas que apresentavam aspectos positivos sobre os participantes do programa e negativos sobre os homossexuais.

Palavras-chave: Televisão. Homossexualidade. Futebol. Discurso.

Abstract: This article intends to understand how the discourse of Jogo Aberto, a TV program of Bandeirantes Network, addressed and discussed situations related to homoaffective attitudes between athletes of football teams Palmeiras and Corinthians in 2013, the preceding year of Brazil World Cup, when the debate about football themes was in evidence. Thereto, it has been applied Critical Discourse Analysis based on analytical dispositives presented by Dijk (2015), which allowed identifying narrative constructions of the program. that contributed to the propagation of prejudices and stereotypes about homosexual based on the study of the structure of the discursive surface and social context of the interlocutors of the program, basically formed by ex-athletes. It has been identified that the sports media could also be responsible for the propagation of prejudices and hostile gestures against homosexuals, besides applying analytical devices of reservations used to show positive aspects about the program participants and negative ones about homosexuals.

Keywords: Television. Homosexuality. Football. Discourse.

1 Introdução

Copa do Mundo de 2014, Arena das Dunas, Natal. A estreia das seleções mexicana e camaronesa na principal competição futebolística foi marcada pela festa da torcida da equipe da América do Norte, ritmada pelo canto de *Cielito Lindo*. No entanto, o entusiasmo do jogo foi pontuado também pelos gritos homofóbicos no estádio quando o goleiro africano cobrava tiro de meta. A atitude da torcida mexicana foi replicada em outras partidas por torcedores de diferentes nacionalidades, inclusive pela torcida brasileira na partida contra a Colômbia pelas Eliminatórias da Copa do Mundo de 2018, fato que rendeu à Confederação Brasileira de Futebol (CBF) uma multa de 20 mil francos, cerca de R\$ 71 mil.

Situações como essa apontam que a homofobia ainda é tratada como assunto controverso no “país do futebol”. Casos de atletas que assumiram a homossexualidade nesta modalidade esportiva no Brasil são raros, com algumas exceções para jogadores de equipes sem expressão no cenário nacional. As perseguições ao goleiro do Alecrim, Jamerson Michel da Costa, mais conhecido pelo apelido Messi, que assumiu sua orientação sexual quando ainda atuava pelo Palmeira de Goianinha, e ao ex-atacante Wilson Zvirtes, que preferiu se retirar do futebol profissional para seguir no anonimato das várzeas, são exemplos das dificuldades que os atletas encontram ao decidirem tornar pública a homossexualidade. Inclusive jogadores que negam ser homossexuais sofrem com perseguições homofóbicas, como é o caso de Richarlyson, ex-atleta de São Paulo e Atlético Mineiro com passagem pela Seleção Brasileira.

Aspectos da homofobia estão presentes em várias situações, mas particularmente no futebol, o poder, a coragem e a força são considerados como atitudes viris e, conseqüentemente, qualquer comportamento considerado fora dos padrões masculinos é reprimido. As manifestações homofóbicas das torcidas brasileiras são comuns e anteriores à última edição da Copa do Mundo, evidenciadas em palavras depreciativas para desestabilizar e rebaixar torcidas e atletas adversários.

Diante desse cenário envolvendo discriminações nas arquibancadas, foi realizada uma pesquisa exploratória nos anais dos principais eventos de comunicação com o objetivo de identificar os importantes trabalhos envolvendo a temática da sexualidade no futebol¹. Para essa tarefa, foram utilizadas as palavras-chave “homossexualidade”, “esporte”, “futebol”, “sexualidade” e “gênero” combinadas no sistema de buscas das páginas. Do resultado alcançado, foram consideradas apenas as pesquisas referentes às representações de atletas e torcedores pelos meios de comunicação, identificando três vertentes de pesquisas: a representação da mulher no futebol (destacando as lutas e as barreiras enfrentadas pelas mulheres em busca do reconhecimento na área esportiva), masculinização e construção de ídolos no futebol (representação de celebridades no esporte e a criação de ídolos, principalmente homens, na modalidade esportiva)

¹ Foram considerados os portais da Intercom, SBPJor e Compós. Apenas no Portal de Livre Acesso à Produção em Ciências da Comunicação (Portcom) foram encontrados 289 trabalhos relacionados à combinação das palavras-chave, sendo que foram selecionados apenas 12 artigos que envolviam o debate entre esporte e gêneros.

e representação do pertencimento clubístico (voltado ao marketing, principalmente com a utilização da comunicação para captação e fidelização de torcedores).

Diante desse levantamento, foi identificada uma lacuna relacionada ao debate sobre a homossexualidade masculina e o futebol, já que a maioria das produções está voltada para o debate sobre a construção de identidades no futebol masculino e a luta pela igualdade e visibilidade feminina nos esportes. Porém, as pesquisas relacionadas à comunicação, homossexualidade masculina e futebol ainda são incipientes e necessitam de aprofundamento.

A televisão, nesse contexto, também aparece como elemento fundamental para a discussão sobre a homofobia no futebol. Diante desse quadro, este artigo pretende identificar como o programa Jogo Aberto, da TV Bandeirantes, abordou e debateu situações que supostamente remetem a situações homoafetivas no futebol brasileiro em dois casos específicos envolvendo equipes rivais: o beijo entre os atletas Leandro Amaro e Ronny durante o treino na Sociedade Esportiva Palmeiras e o “selinho” de Emerson Sheik, jogador do Sport Club Corinthians Paulista, com o chefe de cozinha Isaac Azar, ambos em 2013. O objetivo é identificar se os sentidos da construção midiática durante o debate entre apresentadores e comentaristas do programa contribuíram para a construção de estereótipos em relação à homossexualidade. Também é importante destacar que os personagens envolvidos nas situações analisadas negam ser homossexuais. Guardadas as limitações desta pesquisa, os resultados baseados no programa Jogo Aberto não devem ser generalizados a todas atrações esportivas devido às diferenças em relação às linhas editoriais de cada emissora televisiva, mas devem ser debatidos em decorrência do alcance e da representatividade do programa, consolidado como uma das maiores audiências da Rede Bandeirantes² e referência em debates esportivos na TV aberta.

Será utilizada a análise de discurso crítica baseada nos dispositivos esquematizados por Dijk (2015) para compreender se a construção discursiva do programa analisado apresenta características de discriminação contra homossexuais e como os estereótipos foram construídos durante o discurso. Com base na análise, também se pretende identificar como o poder masculino é evidenciado no material selecionado, levando em consideração que o futebol é um esporte marcado historicamente pelo machismo e homofobia.

2 Homofobia no Brasil

Leal e Carvalho (2009) afirmam que o termo surge vinculado aos estudos sobre gênero e sexualidade, mas apresenta ambiguidade e limitações pelo fato de “homo” ter a possibilidade de ser aplicado em duas ocasiões. A primeira ao remeter a “igual” e, portanto, significaria “medo do semelhante”. Por outro lado, o uso contemporâneo do termo está relacionado à homosse-

2 De acordo com dados do Kantar Ibope Media (2018), o Jogo Aberto alcançou a quinta maior audiência domiciliar da TV Bandeirantes com 2,3 pontos entre os dias 12 e 18 de novembro de 2018, atrás de MasterChef Profissionais, Jornal da Band, Justiça Implacável e Brasil Urgente. Os dados consideram 15 mercados regulares aferidos pela entidade.

xualidade e, neste sentido, remeteria ao ódio aos homossexuais. Essa ambiguidade em torno da nomenclatura mostra a complexidade da palavra, mas, em ambos os casos, significa a redução da humanidade de um grupo, rejeitando a igualdade. Assim, a homofobia exige a compreensão das relações de gênero, sexualidade e poder em um contexto sócio-histórico presente na constituição dos próprios sujeitos.

De fato, a violenta história de perseguição aos homossexuais mostra que o caminho dessa minoria é marcado por torturas e discriminações. Das fogueiras na idade média, passando pelos campos de extermínio na Alemanha Nazista, pessoas que sentem atração por indivíduos do mesmo sexo ainda sofrem com o preconceito.

No Brasil, Green (2000) ressalta que a perseguição aos homossexuais foi marcante no final do século XIX e durante o século XX. Embora a legislação de 1890 não punisse explicitamente atividades homoafetivas, tentava restringir e controlar o comportamento homossexual, principalmente com a proibição do “disfarce do sexo”, fato que atingia diretamente aqueles que usavam roupas do gênero oposto. Portanto, a polícia e os tribunais tinham mecanismos para controlar as práticas homoafetivas.

Ao longo do século XX e XXI, a luta contra a discriminação das minorias foi se aperfeiçoando por meio de dispositivos que pretendiam estender aos homossexuais os mesmos direitos civis e sociais concedidos aos heterossexuais (VIANA; LACERDA, 2004). Apesar dos avanços na legislação, dados do relatório divulgado pelo Grupo Gay da Bahia (2016) revelam que 343 LGBTs foram assassinados no país em 2016, o que representa uma morte a cada 25 horas.

Já no contexto futebolístico, os avanços são praticamente imperceptíveis. Um dos casos mais recentes de homofobia aconteceu durante a apresentação do atleta Richarlyson no Guarani Futebol Clube, quando torcedores soltaram bombas no estádio Brinco de Ouro da Princesa, propriedade da equipe campineira, mesmo o jogador afirmando não ser homossexual. O exemplo de Richarlyson (e inclui-se de Emerson Sheik e dos atletas do Palmeiras) expressa que as manifestações homofóbicas não estão apenas relacionadas às orientações sexuais (visto que os atletas se declaram heterossexuais), mas também em performances (expressões) do gênero. Em um contexto de valorização e evidência da masculinidade e virilidade no futebol, as perseguições promovidas contra os jogadores se referem a atitudes que não se adequam à rígida heteronormatividade cobrada no futebol, possibilitando que sejam realizados pré-julgamentos em relação à orientação sexual dos atletas. Welzer-Lang (2001) aponta que a rígida determinação dos gêneros sexuais orienta a forma como os homens devem se comportar para serem aceitos em determinados grupos. Para contar com os privilégios, o homem dominante não deve apresentar características e atitudes afeminadas, sendo que aqueles que se distinguem desse padrão por meio da aparência (não necessariamente homossexuais) são excluídos e deslocados para o grupo dos “dominados”.

Nesse sentido, é importante definir a virilidade voltada para a caracterização do “homem verdadeiro”, dotado de coragem, poder, vigor e força física (WITZEL, 2013). Esse homem estaria em sintonia com a tradição de uma sociedade e cultura responsável pela formação

de guerreiros e heróis, uma noção relacional construída entre os homens e reconhecida dentro desse grupo em contraste com a feminilidade (REINA, 2017).

Barbosa (1998) destaca que as definições de virilidade e masculinidade se baseiam na divisão binária entre os papéis sociais masculinos e femininos, o que leva em consideração a divisão do trabalho, a estruturação do poder, a necessidade de controle das emoções, sentimentos e comportamentos etc. Apesar da variedade de definições relacionadas à masculinidade, refere-se neste trabalho à “masculinidade hegemônica”, associada à “heterossexualidade e ao casamento, mas também à autoridade, ao trabalho remunerado, à força e à resistência física” (GIDDENS; SUTTON, 2017). Nessa hierarquização, a masculinidade homossexual é posicionada como inferior e submissa ao “homem verdadeiro”.

Green (2000) diz que algumas personalidades alcançaram aceitação no Brasil, casos do ex-estilista e político Clodovil, da travesti Rogéria e da transexual Roberta Close. Porém, os trejeitos efeminados dessas pessoas apontam um comportamento divertido que deveria ser evitado por contrastar com a virilidade e masculinidade. Portanto, essa aceitação é relativa, pois vale apenas para “filhos de outros sujeitos”. Nas famílias convencionais, a tendência é que, desde a infância, os indivíduos sejam educados para corresponder às expectativas: “às mulheres estimula-se a ginástica e o ballet, para fins de conformação dos corpos e aos homens incita-se esportes competitivos, para fortalecer o corpo e exercitar o convívio regrado entre iguais” (SMIGAY apud PEREIRA et al., 2014, p. 738).

Para Almeida e Soares (2012), o comportamento homossexual, desviante da conduta heterossexual, é visto como algo longe do “natural” no futebol. Dessa maneira, tais comportamentos são comprometedores do equilíbrio e sustentação da lógica e harmonia social, causando instabilidade contrária à lógica dominante.

A homofobia é compreendida como um instrumental de dominação, por meio do qual sujeitos e grupos sociais disputam espaços de legitimidade e de reconhecimento e, portanto, de poder. É nesse quadro que [...] trataremos a questão da violência e da dominação como elementos constitutivos da homofobia (ALMEIDA; SOARES, 2012, p. 303)

Ainda segundo Almeida e Soares (2012), a homofobia elimina elementos plurais da identidade de um grupo ou sociedade e, a partir disso, estabelecem hierarquias que determinam o que as pessoas podem ser e aquilo que elas devem evitar. Com isso, formam-se pessoas hostis ao que é diferente e considerado fora do padrão, compreendido como transgressão aos papéis sociais e que deveriam ser supostamente entendidos como biologicamente determinados.

Nessa hierarquia, a construção de estereótipos conduz à depreciação de um grupo por meio de representações coletivas pré-concebidas e cristalizadas. Temer e Nery (2009) destacam os estereótipos como modelos de antecipação e organização em relação às experiências e realidades sociais que possibilitam que o indivíduo organize o caos cognitivo por meio de modelos de atitude que ordenariam aquilo que seria incompreensível.

Charaudeau e Maingueneau (2016) ressaltam que o estereótipo é uma série de atributos

selecionados, recortados e ligados pelos indivíduos sob a influência do meio social em que está inserido, geralmente representando o outro de maneira negativa e a si com elementos positivos. “Instrumento indispensável à cognição na medida em que permite a categorização, a generalização e a previsão, o estereótipo é considerado, frequentemente, como nefasto, já que ele é o fundamento do preconceito e da discriminação social” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2016 p. 215).

Nas relações intergrupais em uma sociedade em que há contexto de conflitos culturais e ideológicos também surge o preconceito que, como o próprio nome indica, são pré-julgamentos negativos sobre um grupo étnico, religioso ou social. Dessa forma, constituem-se conjuntos de antipatia e de crença distorcida que resultam em comportamentos discriminatórios em relação aos grupos minoritários. “Esta forma de antipatia não se refere ao sentimento de repulsa produzido por uma situação negativa concreta [...], mas a uma antipatia constante baseada numa generalização errada e inflexível sobre um grupo social” (CAMINO; PEREIRA, 2000, p. 10).

Dessa forma, são criados modelos em relação aos indivíduos que são aceitos no contexto futebolístico, prezado pela virilidade e masculinidade. Por outro lado, os homossexuais masculinos ganham estereótipos negativos baseados em atitudes e comportamentos desviantes da normatividade do esporte e, mesmo que possuam talento e aptidão para a prática, acabam sofrendo com preconceitos, discriminações e perseguições.

3 Poder e acesso no futebol

De acordo com Dijk (2015), poder social é considerado como um conjunto de controles que um determinado grupo exerce sobre ações de outros, influenciando atitudes e comportamentos e limitando a liberdade de ação, principalmente de minorias. Para ele, existem diferentes “centros” de poder em uma sociedade destinada aos grupos de elite restritos a um domínio específico, como a polícia, a mídia, a política etc. Portanto, o poder baseia-se no privilégio de acesso de um determinado grupo às riquezas, discurso e *status* na sociedade e, para isso, muitos grupos utilizam-se da dominância:

[...] uma forma de abuso de poder social, isto é, como o exercício moral e legalmente ilegítimo de controle sobre outros em benefício ou interesse próprio de alguns, frequentemente resultando em desigualdade social. [...]
O poder social e a dominância são frequentemente organizados e institucionalizados, de forma a permitir um controle mais efetivo e possibilitar formas rotineiras de reprodução do poder (DIJK, 2015, p. 88).

Almeida e Soares (2012) ressaltam que a homofobia é uma construção social atravessada por outros elementos do cotidiano, como classe, gênero, cultura etc. Dessa maneira, a condição de virilidade está associada a essa concepção e, no futebol, o poder de acesso é controlado pelo homem, já que é uma modalidade esportiva considerada viril e “não poderia ser praticada por aqueles que não possuam este sentido de virilidade típico do jogo. Ficando negado à prática,

apenas podendo jogar aqueles jogos que não tenham contato, ou não necessitam deste atributo do ‘macho’” (ALMEIDA; SOARES, 2012, p. 305).

Para Green (2000), o sistema de gêneros brasileiro determina a divisão das relações homoeróticas baseada em outra divisão afetiva: entre homem e mulher. Nessa construção, o primeiro é considerado como o participante “ativo” numa relação sexual enquanto que a última é caracterizada como “passiva”. A passividade sexual resulta na atribuição da posição social inferior da mulher. Já o homem, que pratica a penetração, mesmo mantendo relações com outros do mesmo sexo, continua com seu *status* social de “homem verdadeiro”.

Fry e Macrae (1985) corroboram com a visão de Green ao afirmar que as relações entre homem e mulher são caracterizadas por diferenças de poder, sendo que o primeiro é considerado socialmente superior. Desta forma, o ato sexual seria uma tradução do poder masculino, uma vez que a ideia hierarquizante de quem penetra (vencedor) sobre quem é penetrado³ ainda faz parte do imaginário do Brasil popular⁴.

A superioridade social do “ativo” sobre o “passivo” é nitidamente expressa nas palavras de gíria que usamos para falar das relações sexuais [...]. Quem “come”, vence, como um jogador de xadrez que tira as peças de seu adversário do tabuleiro, “comendo-as”. Quem “come” está “por cima” e quem está por cima é quem controla (FRY; MACRAE, 1985, p. 48).

Esse sentido de superioridade determinado nas relações sócio-históricas é traduzido em virilidade e atributos que constituem o “macho”, negando o acesso às arenas esportivas daqueles que possuem comportamentos diferentes por meio de agressões físicas e verbais (ALMEIDA; SOARES, 2012). Assim, é comum ouvir em estádios gritos homofóbicos e opiniões ofensivas aos que não se enquadram nas características dos grupos dominantes das arquibancadas brasileiras.

Para Dijk (2015), uma forma importante para a reprodução e propagação discursiva do poder é o acesso ao discurso e eventos comunicativos. O acesso à mídia, por exemplo, não é igual a todos, pois ela é baseada em uma distribuição desigual similar a outros recursos sociais. Dessa maneira, os grupos dominantes tendem a ter mais acesso à mídia e, conseqüentemente, exercer influência sobre o público.

Portanto, os meios de comunicação, como a televisão, que deveriam ser utilizados para a promoção do debate sobre casos de homofobia, reivindicações de direitos e denúncias à violência contra homossexuais, também podem ser usados para a disseminação de práticas homofóbicas. Para Leal e Carvalho (2009), o jornalismo representa um importante espaço para debate sobre casos de homofobia e de cobertura sobre a agenda política e cultural LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros). Porém, eles levantam a hipótese de que a falta de confiabilidade desse grupo em relação aos veículos jornalísticos pode estar relaciona-

3 O que também se traduz na ideia do homossexual masculino ativo ou passivo.

4 Os autores, mantendo o cuidado sobre o problema de generalizações sobre o Brasil, falam sobre um país tradicional “dos homens, mulheres, putas e bichas, que, por falta de uma palavra melhor” (FRY; MACRAE, 1985, p. 41), decidiram chamar de Brasil “popular”.

da aos silêncios e omissões sobre casos de homofobia e entidades LGBTs, além da discordância sobre a maneira como as notícias sobre a homossexualidade são construídas.

4 Caminho da análise do programa esportivo

Diante do cenário de homofobia no futebol, a investigação dos comentários dos interlocutores do programa Jogo Aberto, da TV Bandeirantes, em relação às atitudes homoafetivas envolvendo atletas de Palmeiras e Corinthians será composta pela análise estrutural e do contexto social em que os fatos ocorrem.

Usando os dispositivos analíticos esquematizados por Dijk (2015), este artigo busca compreender como as estruturas dos discursos do programa televisivo foram construídas levando em consideração elementos que podem estar envolvidos em uma interação discriminatória contra minorias, atentando-se para as estruturas não verbais (gestos depreciativos), sons (entonções de vozes), sintaxe (ênfase de ações), léxico (seleção de palavras que podem ser depreciativas), significado local (declarações vagas sobre a homofobia e precisão sobre condutas impróprias dos homossexuais), significado global do discurso (ênfase de tópicos negativos sobre homossexuais), esquemas (formas convencionais de organização do discurso), dispositivos retóricos (metáfora, ironia, hipérbole etc.), atos de fala (atitudes para legitimar a discriminação) e a interação (deixar de responder questões, interromper conversas etc.).

Seguindo a análise proposta, usando os conceitos de Dijk (2015) para o contexto da homofobia no futebol, o discurso homofóbico costuma enfatizar os pontos positivos dos detentores de poder (elites) e destacar os aspectos negativos das minorias (homossexuais masculinos). Dessa forma, o “quadro ‘ideológico’ aplica-se não apenas à dominação [...], mas também, em geral, à polarização intragrupal-extragrupal em práticas sociais, discursos e pensamentos” (DIJK, 2015, p. 137). Desta forma, os preconceitos podem ser formulados de diferentes maneiras, dependendo da posição ocupada pelo sujeito.

A enorme variedade de discursos racistas [homofóbicos, no nosso caso] não apenas reflete as várias representações sociais subjacentes, mas também, em especial, adapta-se a diferentes contextos de produção: quem disse o que, onde, quando e com que objetivos. A teoria do contexto também explica em parte por que, apesar do consenso [...] dominante, nem todas as falas acerca das minorias serão as mesmas (DIJK, 2015, p. 140).

Sobre a análise, destaca-se inicialmente que o programa Jogo Aberto, da Rede Bandeirantes de Televisão, completou 11 anos de transmissão em fevereiro de 2018. Atualmente, é veiculado para todo Brasil entre às 11 horas e 13 horas, com transmissão de segunda à sexta-feira, tendo uma duração média de 120 minutos. A apresentação do programa é da ex-miss Brasil Renata Fan e conta com os comentários de Denílson Araújo, Ronaldo Giovanelli (ambos ex-jogadores de futebol), Ulisses Costa, Paulo Morsa e, eventualmente, outros convidados. Em 2009, o Jogo Aberto foi o campeão de reclamações no Ranking de Baixaria na TV por meio de

audiência pública promovida pela Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados. Ao todo, foram 88 denúncias sobre desrespeito às torcidas, incitação à violência e vocabulário impróprio para o horário (CÂMARA DOS DEPUTADOS DO BRASIL, 2009).

O recorte analisado (os dois últimos casos de troca de afetos entre atletas masculinos debatidos pelos interlocutores do Jogo Aberto) foi selecionado em função da repercussão deste caso e pela situação dos personagens/jogadores, que pertenceram a dois dos principais clubes do país, Palmeiras e Corinthians, considerados rivais desde o início do século XX.

Também é importante ressaltar o histórico homofóbico de parte dos torcedores dessas agremiações esportivas. No primeiro, um grupo de integrantes da torcida *Mancha Alviverde* levou uma faixa que dizia “a homofobia veste verde” ao Centro de Treinamentos da Barra Funda para protestar contra a suposta tentativa da diretoria em contratar o atleta Richarlyson (jogador que sofreu perseguições ao longo da carreira, mesmo sem assumir a homossexualidade). Já no caso do Corinthians, um grupo de torcedores com vestimentas da organizada Fiel Torcida Jovem Camisa 12 levou faixas escritas “Vai beijar a PQP... aqui é lugar de homem” e “viado não” após beijo do jogador Emerson Sheik em seu amigo e chefe de cozinha, Isaac Azar.

Na sequência, promoveu-se a transcrição do material e a descrição dos elementos não verbais dos interlocutores. É importante ressaltar que este trabalho também se atentou para os movimentos semânticos que ressaltam aspectos positivos de um grupo, mas destacam situações negativas das minorias:

Quadro 1: Exemplos de movimentos semânticos analisados

Movimentos Semânticos	Exemplos
Negação aparente	Nós não temos nada contra, mas...
Concessão aparente	Alguns deles são inteligentes, mas em geral...
Empatia aparente	É claro que os homossexuais enfrentam problemas, mas...
Ignorância aparente	Eu não sei, mas...
Desculpa aparente	Desculpe-me, mas...
Inversão (culpar a vítima)	Não eles, mas nós é que somos as vítimas...
Transferências	Eu não me importo, mas as torcidas...

Fonte: adaptado de DIJK (2015)

Do quadro, destacam-se alguns dispositivos que recebem a denominação “aparente”. Neste caso, Dijk (2015) ressalta que a construção evidencia aspectos positivos das minorias como uma estratégia de manejo de impressões. Porém, o restante da frase passa a ser negativo, contradizendo a primeira parte.

5 O debate sobre a homossexualidade masculina no futebol

Iniciaremos a análise pelo episódio envolvendo atletas do Palmeiras durante treinamen-

to em 2013. No início da notícia, a apresentadora Renata Fan e o comentarista Denílson Araújo mostram a cena enquanto discutem sobre a relação entre os jogadores ao som ambiente do centro de treinamento sincronizado à música *Kiss me quick*, de Elvis Presley.

Ao analisar as estruturas não verbais, identificam-se atos que pretendem ridicularizar a atitude dos atletas por meio de gestos depreciativos dos interlocutores, como o beijo na própria mão interpretado por Renata Fan, além da inserção da legenda “Dia de beijo no Palmeiras” e de uma música romântica insinuando que a atitude ia além de uma brincadeira de amigos. Ao longo da apresentação da cena entre os atletas, a produção do programa promove a troca de trilha sonora, variando entre “Me Beija”, de Gil Melândia; “Beijo Roubado”, do Rastapé, além de outros trechos que insinuam uma relação de intimidade entre casais.

Durante a exibição da cena, o comentarista, que já foi jogador de futebol, começa a reprovar o ato ao questionar a atitude no clube alviverde enquanto que a apresentadora tenta se abster do caso.

Denílson: Olha como eu fico... Rapaz do céu. O que é isso, gente? Não, não, perai. Oh... O negócio. Eita! O que é isso, gente? É no Palmeiras mesmo?

Renata Fan: Que bom que eu não comento. Que bom que eu apresento. (Jogo Aberto, 13/03/2013).

Nesse trecho, evidencia-se a rejeição por parte do comentarista de que tal ato ocorreu no Palmeiras, uma vez que o clube de futebol não seria espaço para tais práticas. Tal rejeição se verifica por meio da entonação e do ato de levantar a voz em alguns momentos do discurso no sentido de depreciar a atitude dos jogadores. Já a apresentadora busca contornar a situação ao afirmar que o trabalho exercido por ela na emissora se restringia a apresentar os fatos, mas, ao mesmo tempo, ri da situação e comenta com ironia, utilizando um dispositivo retórico, que centraliza a atenção em uma postura negativa ao propor um beijo entre Ronaldo Giovanelli e Denílson no programa *Jogo Aberto*.

Renata Fan: Imagine você e o Ronaldo Giovanelli aqui, na Band. [...]

Denílson: Quando você diz assim, o que é isso? Imagine se isso vira moda... (Jogo Aberto, 13/03/2013).

Nesse fragmento, Denílson volta a criticar a prática entre os atletas ao questionar se tal ação fosse repetida em outras ocasiões e profissões, enfatizando que tal atitude era ruim para o ambiente esportivo, já que poderia sofrer com reações depreciativas de torcedores, atletas e, neste caso, da própria mídia esportiva. Portanto, a fala serve para depreciar um comportamento que não é típico do grupo que detém o poder no futebol, propiciando a legitimação da discriminação contra os homossexuais no ambiente futebolístico. Nesse sentido, o futebol não é espaço para demonstração de afeto entre amigos por meio de beijo ou “selinho”, uma vez que tal atitude pode ser interpretada como uma inclinação e/ou demonstração homossexual.

Por meio das ressalvas, a análise semântica aponta que o discurso entre os sujeitos é construído no sentido de amenizar o preconceito dos interlocutores ao focar, principalmente, a parte negativa daqueles que realizaram o beijo no centro de treinamentos. Entre os recursos

utilizados, o principal deles foi a transferência de responsabilidade da atitude homofóbica.

Denílson: A batata já está assando... Gente do céu. [...] A última coisa que poderia acontecer era isso aí. Rapaz, recentemente uma foto, né? No vestiário... Agora... Vou falar um negócio para você. (Jogo Aberto, 13/03/2013).

Vale ressaltar que o Palmeiras enfrentava dificuldades esportivas, já que disputava o Campeonato Brasileiro da Série B. Portanto, Denílson, ao falar que era “a última coisa que poderia acontecer”, enfatiza que tal brincadeira não deveria ser aceita “naquele momento por que a equipe paulista” estava passando, deixando a subentender que os atletas deveriam demonstrar outra postura no treino, como exibição de “raça”⁵, vontade em divididas de bola etc., ou seja, mostrar atitudes mais viris. Também é importante destacar que Denílson teve um histórico de relacionamentos com diversas mulheres durante o período em que era jogador e, no final do comentário, ocorrem insinuações de interesse do ex-atleta em relação à apresentadora Renata Fan, mesmo ele sendo casado.

Denílson: Esse negócio de os amigos se beijarem, companheiros se beijarem, eu gostei dessa ideia.

Renata Fan: Não, mas aí é no caso companheiros do mesmo sexo.

Denílson: Uai, Renata... Conversa feia, hein... Conversa gelada, Renata. Ou... Você me respeita, viu filha... (Jogo Aberto, 13/03/2013).

Na fala citada, Denílson exige respeito quando Renata Fan insinua que a ideia de amigos do mesmo sexo se beijarem é “moda” entre os profissionais, atitude considerada ofensiva e depreciativa por parte do comentarista e ex-atleta. O comentarista reforça que uma postura viril e conquistadora deve ser a ordem, em contraposição a atitudes dos atletas do Palmeiras, flagrados se beijando durante o treino. De forma não verbal, o atleta se apoia (ou apoia sua opinião) no próprio prestígio, tanto profissional (uma carreira com passagens em clubes de expressão como Palmeiras e São Paulo, conquistas de títulos importantes, como a Copa do Mundo de 2002, e sem perseguições fora de campo), quanto pessoal, em função de seu relacionamento com as mulheres, em um comportamento heteronormativo que torcedores e atletas aceitam como padrão em relação a jogadores de futebol.

Já no episódio envolvendo Emerson Sheik e Isaac Azar, Renata inicia o debate com a mesma postura, insinuando que o convidado do programa e ex-atleta do Corinthians e da Seleção Brasileira, Marcos André Santos, mais conhecido pelo apelido de Vampeta, deveria dar um “selinho de amizade” em outro ex-jogador do Corinthians e comentarista do programa, Ronaldo Giovanelli. O debate do Jogo Aberto sobre a publicação da foto de Emerson Sheik nas redes sociais contou com a participação de mais interlocutores, nesse caso a inclusão de Giovanelli e Vampeta.

Vampeta: Quando eu cheguei aqui, o meu sonho era dar na Renata o selinho, mas ela é casada, pô, aí...

5 No sentido utilizado na frase, o termo remete à determinação e força física.

Renata Fan: Mas agora a moda é selinho entre pessoas do mesmo sexo. [...] Não de sexos diferentes.

Vampeta: Onde é isso? Na Parada Gay? (Jogo Aberto, 21/08/2013).

Assim como Denílson, Vampeta já deixa claro qual é a postura aceita no futebol: beijar pessoas do sexo oposto, uma vez que demonstrar afeto com pessoas do mesmo sexo é atitude de quem participa da “Parada Gay”, não encontrando aceitação no esporte mais praticado no Brasil. Continuando com a apresentação do programa, Renata Fan relembra as linguagens vulgares e insinuações homofóbicas do ex-atleta em relação à torcida do São Paulo, já que Vampeta foi o primeiro a utilizar o termo “bambi” para se referir à equipe rival.

Renata Fan: Agora, a parte da nação corinthiana, que não gostou disso, que achou desnecessário, que o Sheik não precisava ter mostrado uma foto como essa, ela quer ouvir a sua opinião. Quando você viu essa foto, não sei se foi na televisão ou na internet, qual foi a sua reação?

Vampeta: Eu falei “pô, o Sheik arrumou uma agora para ele que ele vai ter que arrumar essa merda que ele fez aí, ele vai ter que consertar” porque a gozação no futebol é muito grande. E não está maior para o Corinthians porque o São Paulo está na zona de rebaixamento. (Jogo Aberto, 21/08/2013).

Tanto Renata Fan quanto Vampeta utilizam a técnica da transferência para insinuar que a manifestação homofóbica parte de um lugar exterior, a torcida, e não é parte intrínseca do discurso dos interlocutores do programa: é a torcida do Corinthians que não gostou e achou desnecessária a foto publicada por Emerson Sheik nas redes sociais. Da mesma forma, insinuem que o preconceito com o homossexual existe porque no futebol há manifestações vulgares contra aqueles que fogem aos padrões masculinos das arquibancadas e, dessa maneira, a atitude do atleta é vista como equivocada e passa uma má imagem do Corinthians. O foco negativo é transferido para a torcida da equipe paulista e dos seus adversários (São Paulo e Palmeiras), amenizando a impressão homofóbica sobre os interlocutores do programa Jogo Aberto. Em outro trecho, a responsabilidade é transmitida aos próprios atletas ao afirmarem que os profissionais farão brincadeiras com Emerson Sheik no vestiário.

Outra ressalva promovida por Vampeta na tentativa de levantar aspectos positivos sobre o próprio discurso refere-se à negação aparente, ou seja, o fato de negar problemas contra homossexuais, mas, na sequência, levanta aspectos negativos, como aponta o próximo fragmento textual:

Vampeta: [...] eu conheço bem o Sheik, o Isaac, são meus amigos pessoais. A gente sabe que os dois não são homossexuais e nada, e se fosse não tem problema. O Isaac eu sei porque você está sempre lá, pô... Gente boa pra caramba, o Sheik também. Agora, arrumou uma para cabeça aí, né? (Jogo Aberto, 21/08/2013).

Nessa construção, percebe-se que Vampeta tenta evidenciar um aspecto positivo sobre si mesmo ao afirmar que não seria preconceituoso se Emerson Sheik e Isaac fossem homossexuais, mas, na sequência, acaba se contradizendo ao afirmar que a atitude do atleta e do

chefe de cozinha resultou em um problema que necessita ser solucionado, atribuindo ao beijo entre pessoas do mesmo sexo como atitude negativa. Parafraseando Vampeta, o problema não está na prática homossexual, mas na divulgação da ação (a publicação da foto) e nas consequências que isso traz para a imagem do próprio Sheik e da instituição onde trabalha.

Na sequência da resposta dada por Vampeta, Denílson faz outro comentário que se encaixa na inversão do problema. Utilizando ironia, o comentarista afirma que o erro não era dos interlocutores do programa, mas daqueles que protagonizaram o beijo.

Vampeta: Agora, ele arrumou um problema.
Denílson: Mas a culpa é nossa... A culpa é minha.
Vampeta: Eu não beijei ninguém.
Denílson: E a culpa é nossa. (Jogo Aberto, 21/08/2013).

Dessa forma, o atleta e o chefe de cozinha, que sofreram perseguições homofóbicas por conta da publicação da foto, passam à condição de responsáveis pelos problemas por se colocarem em evidência por meio de um ato contra a homofobia. Na sequência, para se defender das provocações de torcedores rivais, Vampeta invoca outros termos depreciativos para justificar o discurso homofóbico sob o pretexto de que tudo não passa de uma brincadeira entre torcedores.

Vampeta: O Corinthians vai ser sempre o gambá, o Palmeiras sempre o porco, o Santos lá baleia ou peixe, e o São Paulo é bambi. Não tem por quê... Só porque o Sheik cumprimentou um amigo do jeito que ele tinha que cumprimentar que vai mudar as coisas.
Denílson: Mas tem que aguentar a brincadeira, né, Vampeta? (Jogo Aberto, 21/08/2013).

Portanto, na visão do atleta, a condição de homossexual já é definida aos torcedores do São Paulo e isso não deve ser modificado. Essa postura se mantém quando a apresentadora, de maneira irônica, pergunta se algum corintiano seria solidário ao ponto de dar um beijo em Emerson Sheik no vestiário. Como resposta, Vampeta afirma que essa atitude é típica de atletas e torcedores do São Paulo Futebol Clube e que não deveria ser feita no Corinthians, resultando em risos de todos os interlocutores do programa.

As estruturas narrativas dos dois episódios resultam na construção de sentidos negativos em relação ao homossexual, reforçado pela construção de preconceitos baseados em estereótipos negativos por aqueles que já atuaram profissionalmente no futebol e que, agora, atuam em programas esportivos. As construções dos textos também detalham a tentativa de apontar que o preconceito está sempre em outro lugar: nas arquibancadas, entre os atletas. No conjunto, o discurso mostra uma autoapresentação positiva e uma apresentação negativa do outro, seja o torcedor homofóbico ou aquele que apresenta características que não seguem a “normalidade” dos profissionais ligados ao futebol.

Para finalizar esta análise, o contexto onde são construídos os discursos mostra que o comentarista do Jogo Aberto e o convidado Vampeta são ex-jogadores de futebol e, com

uma breve pesquisa sobre os históricos de quando ainda atuavam, percebe-se que construíram suas imagens baseadas em relacionamentos com muitas mulheres. Vampeta, por exemplo, já concedeu entrevista ao Blog de Jorge Nicola, do Yahoo Esportes (2015), afirmando que teve relações com mais de 400 mulheres. No ambiente esportivo, como afirmam Almeida e Soares (2012), esse tipo de conduta é considerada um padrão por torcedores e atletas, um sintoma da virilidade reverenciada pelos torcedores.

Considerações Finais

A análise do debate dos interlocutores do programa Jogo Aberto aponta que a mídia esportiva também é responsável pela propagação de preconceitos e gestos hostis em relação aos homossexuais. Dado o contexto dos sujeitos e a análise estrutural dos discursos incluídos no recorte, identifica-se que os homens constituem um grupo de poder no futebol, seja entre torcedores ou atletas (no caso dessa análise, inclui-se ex-atletas), que detém o acesso ao “capital simbólico”, ou seja, o alcance ao discurso público. Nessa estrutura, esses atores possuem papel relevante para a reprodução de estereótipos e preconceitos relacionados aos homossexuais, o que contribui para a manutenção do grupo no poder e, em contrapartida, a rejeição dos comportamentos que não coadunam com o *status* e a manutenção do poder da masculinidade nas arquibancadas.

A naturalização dos estereótipos e preconceitos compartilhados por meio de gírias e expressões que fazem parte do ambiente futebolístico (como apelidos dados aos times) fazem com que se transformem em representações menos conscientes, como se fossem naturais e aceitas pela comunidade futebolística. Portanto, as formas como as pessoas significam os discursos não são apenas resultado de suas crenças, mas leva em consideração o contexto em que o sujeito está situado (DIJK, 2015).

A partir dos pressupostos teóricos-metodológicos apontados por Dijk (2015), evidencia-se que as normas e valores gerais da sociedade brasileira contribuem para que formas explícitas de preconceitos sejam coibidas e até mesmo membros dos grupos detentores do poder sejam responsáveis pela disseminação e compartilhamento desses tipos de restrições. Isso porque as pessoas buscam construir e, principalmente, transmitir imagens positivas a respeito delas, já que a categorização de preconceituoso ou intolerante é determinante para um julgamento ameaçador em relação à credibilidade. Porém, as discriminações também podem surgir de maneira sutil, resultando em uma apresentação negativa das minorias. Dessa maneira, as negações de intenções, ou seja, a rejeição sobre os sentidos dados pelos interlocutores constituídos em nossos exemplos, predominantemente na forma de transferência de responsabilidades (por exemplo, “eu não sou contra, mas os torcedores não aceitam...”), são estratégias eficazes utilizadas pelos interlocutores para alcançar a autoafirmação positiva do grupo e desviar a intenção de prática homofóbica dos discursos.

Referências

ALMEIDA, Marco Bettine; SOARES, Alessandro da Silva. O futebol no banco dos réus: caso da homofobia. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 301-321, jan/mar. 2012.

BARBOSA, Maria José Somerlate. Chorar, verbo transitivo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 11, p. 321-343, 1998.

CÂMARA DOS DEPUTADOS DO BRASIL. Campanha divulga 16º Ranking da Baixaria na TV. Brasília, 2009. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cdhm/noticias/campanha-divulga-16o-ranking-da-baixaria-na-tv>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

CAMINO, Leoncio; PEREIRA, Cícero. O papel de Psicologia na construção dos Direitos Humanos: análise das teorias e práticas psicológicas na discriminação ao homossexualismo. **Revista Perfil**, v. 13, n.13, p. 49-69, 2000.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

DIJK, Teun A. Van. **Discurso e Poder**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

GIDDENS, Anthony; SUTTON, Philip. **Conceitos essenciais da sociologia**. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2017.

GREEN, James Naylor. **Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GRUPO GAY DA BAHIA. Assassinatos de LGBTs no Brasil. Salvador, 2016. Disponível em: <<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/01/relatc3b3rio-2016-ps.pdf>>. Acesso em: 30 mai. 2017.

KANTAR IBOPE MEDIA. Dados de audiência nas 15 praças regulares com base no ranking consolidado – 12/11 a 18/11. 2018. Disponível em: <<https://www.kantaribopemedia.com/dados-de-audiencia-nas-15-pracas-regulares-com-base-no-ranking-consolidado-1211-a-1811/>>. Acesso em: 2 dez. 2018.

LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto de. Sobre jornalismo e homofobia ou: pensa que é fácil falar. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação - E-compós**, v. 12, n. 2, p. 1-15, 2009.

PEREIRA, Anelyse Santos Lira Soares *et al.* Preconceito contra homossexuais no contexto do futebol. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. 3, 2014, p. 737-745.

REINA, Fábio Tadeu. **Pés trocados: a violência simbólica em bailarinos e jogadoras de futebol**. Curitiba: Appris, 2017.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa; NERY, Vanda Cunha Albieri. **Para entender as teorias**

da comunicação. 2. ed. Uberlândia: EDUFU, 2009.

VIANNA, Adriana; LACERDA, Paula. **Direitos e Políticas Sexuais no Brasil**: mapeamento e diagnóstico. Rio de Janeiro: CEPESC, 2004.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, 2001.

WITZEL, Denise Gabriel. Corpo viril nos discursos midiáticos: do triunfo à crise. In: VI Seminário de Estudos em Análise do Discurso 1983-2013 – Michel Pêcheux: 30 anos de uma presença. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2013. Disponível em: <<http://analisedodiscurso.ufrgs.br/anaisdosead/6SEAD/SIMPOSIOS/CorpoVirilNosDiscursos.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2017.

YAHOO ESPORTES. Vampeta: ‘Já levei pelo menos 400 mulheres para a cama’. 2015. Disponível em: < <https://esportes.yahoo.com/blogs/jorge-nicola/vampeta-ja-levei-para-a-cama-pelo-menos-umas-400-121223168.html>>. Acesso em: 2 dez. 2018.

Recebido em: 04/01/2018

Aceito em: 28/11/2018